



Renato Muniz B. Carvalho

E M B R U L H E

*para*

P R E S E N T E

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2021*

# Salto alto



COM EXCEÇÃO DAS SEGUNDAS-FEIRAS, entre duas e quatro horas da madrugada, ela entrava no apartamento, fechava a porta da sala, dava exatos vinte passos até o quarto e ia ao banheiro. Nem sempre eu acompanhava todo o trajeto, às vezes conseguia perceber só os últimos passos ou quando ela apertava a descarga. Às segundas-feiras, ela não saía de casa, não de salto alto.

Fiquei curioso: quem morava no apartamento de cima? Com a maior discrição, assim que surgiu a oportunidade, indaguei na portaria sobre a moradora do apartamento acima do meu.

Era uma moça nova, solteira, segundo me disse o Luiz Cláudio, um dos porteiros do turno da noite. Bonita, foi o que me garantiu, ansioso por tentar desvendar o motivo de minha curiosidade; a observação foi acompanhada de um sorriso sacana e nada mais. Não consegui maiores informações. Afinal, o que eu tinha a ver com a vida dos meus vizinhos?

Confesso que barulho de salto batendo no piso me incomoda. Pensei comigo: “Que bosta, por que ela não tira o

*Embrulhe para presente • 7*

sapato? Tem de entrar em casa tarde da noite fazendo barulho?”. Era irritante! Vizinhança inconveniente é foda! Teve noite em que fiquei esperando ela chegar para só então conseguir dormir.

Depois, acabei me acostumando e passei a acompanhar sua movimentação. Deitado, luz do abajur acesa, lia até ela chegar. Leitura improdutiva, o que eu fazia era prestar atenção aos mínimos ruídos vindos do apartamento de cima. Tudo quieto e silencioso até o momento em que ela girava a chave na porta. Primeira volta, segunda volta e entrava. Uma volta, outra volta e porta fechada. “Toc, toc, toc, toc...”. Vinte passos.

Não demorei muito para ter certeza da contagem, a sensação era como se estivesse contando carneirinhos até vir o sono. Conferi umas três ou quatro vezes e confirmei: vinte passos da sala até o quarto. Sempre um número par: “toc, toc, toc, toc...”. Ritmo cadenciado, nem devagar nem apressado. Sem tropeçar, sem trocar os passos, sempre com elegância, como se estivesse desfilando: “toc, toc, toc, toc...”. O barulho na minha cabeça, impossível não prestar atenção.

Ao chegar ao quarto, tirava os sapatos. O som do salto era substituído por um barulho surdo: “tum, tum, tum”, mais espaçado, sem ritmo definido. Tentei contar, mas foi inútil. “Tum, tum, tum...”. Provavelmente estivesse descalça. Por quanto tempo usou o sapato de salto alto desde que saiu de casa? Quatro horas? Seis horas? Onde? Numa boate? Na rua? Em festas? Que tipo de lugar ela frequentava? Com quem? Os pés doíam? Ficavam marcados? A curiosidade aumentando...

Assim que tirava o sapato, vinha o silêncio. Talvez estivesse se despindo: vestido, blusa, minissaia, calça, sutiã, calcinha, meia... Foi difícil identificar os sons no início, depois melhorei a percepção dos seus movimentos: sons de gaveta se abrindo ou fechando, porta de armário batendo... Durante o dia, era mais silenciosa. À noite, quando ela chegava ao apartamento, após o “toc toc” do salto, dava um tempo e logo vinha o som da descarga. Antes, vinha o xixi.

Xixi discreto, nada dos mijos displicentes dos machos, cujos jatos escandalosos quase sempre acertam a tampa ou pingam fora do vaso. O dela não jorrava feito mangueira ao encontro de um alvo incerto com as inevitáveis possibilidades de erro, era um xixi suavemente aberto, intermitente, xixi refinado, primoroso, delicado. Xixi feminino. Dava a descarga e lavava as mãos. Era o fim da exibição, a quietude da madrugada vinha em seguida. Ah, com o tempo eu passei a adorar aquele xixi noturno! Era hora de dormir, de sonhar, de imaginar que pudéssemos estar na mesma cama. O sono vinha...

Eu acordava bem cedo, tenso, a agenda do dia martelando a cabeça, sem condições de curtir os movimentos da minha simpática vizinha. Simpática? Cara, eu nem a conhecia! De manhã, mal tinha tempo de tomar café, de ler jornal ou ver TV. Correria louca! Tinha compromissos, uma batalha a cada dia. Dias tumultuados, repletos de situações imprestáveis e de argumentos bestas. Dias carregados de gritos, de buzinas e de outros ruídos desagradáveis. Ficava na rua o dia todo, de segunda a sábado.

Às vezes, antes de sair, ainda pegava ela acordando, indo ao banheiro, mais um xixi, uma ducha, mas se ficasse ouvindo iria me atrasar. Saía de casa imaginando como iria ser seu dia, seus sons, os passos que daria.

Deixei de sair aos domingos só para acompanhar sua rotina. Sem querer, eu estava me apaixonando por ela, por sua sombra, por seu cotidiano e, principalmente, por seus sons. Era incoerente e infantil, mas inevitável, não conseguia me livrar disso. Eu gostava daquele burburinho interno, da solidão que compartilhava com ela.

Um dia, me veio um desejo bizarro. O sábado estava nublado, feriado, poucos carros nas ruas e fui tentar, literalmente, seguir seus passos. Banheiro, banho, sala, cozinha, sala de novo... E assim foi o dia todo. Estava resolvido a acompanhá-la onde ela estivesse dentro do apartamento. À tardinha, ela estava no quarto. Deitei-me, estava calor, tirei a roupa e fiquei atento. Imaginei que ela também pudesse estar nua, descansando, rolando na cama. Fiquei excitado, como fazia tempo não acontecia. Não era paixão, não podia ser. Era algo estranho, inusitado...

Insano! Sim, insano! Não custava nada ter subido o lance de escada que nos separava, apertado a campainha e me apresentado: “Olá! Sou seu vizinho de baixo. Acompanho seus passos há bastante tempo.”. Não o fiz. Covardia? Medo do ridículo? Timidez? Não sei. Poderia ter observado de longe, escondido atrás da porta da escada, mas vigiar os outros é péssimo, é assédio. Não sou um *voyeur*, não sofro de nenhum transtorno mental. Ainda não! Acho que não... Não

ficava espionando seus passos, era diferente, só acompanhava, escutava, imaginava... Tinha curiosidade, admiração, e não sintomas mórbidos ou desejo sexual reprimido. Será que me apaixonei por um salto alto?

Tentativas de criar mil coincidências para me encontrar com ela foram inúteis. Estratagemas, tocaias e casualidades forçadas não deram certo. Do meu ponto de vista, de baixo para cima, eu dominava seu espaço de circulação, a disposição dos móveis, horários e ritmos. Era como se a conhecesse como a palma da mão. De cima para baixo, ela era indecifrável. Não sei quem era, o que fazia para viver, seus gostos, suas vontades, suas comidas favoritas, suas leituras, sua cor preferida...

Um dia, cheguei mais cedo e pensei em escalar a janela para ver se descobria algo a mais. Um absurdo! Ainda bem que ficou só na vontade! Que ousadia! Pensei em arranjar um periscópio, desses de submarino, para espiá-la. É óbvio que também não deu certo.

Minha vontade era conversar com ela, conhecer seu rosto, a cor dos seus olhos, o comprimento dos seus cabelos. Pouco ou nada saber sobre ela me consumia por dentro, me trazia um sofrimento insuportável, uma angústia que me queimava. Quanto mais eu me aproximava de uma solução, mais distante eu ficava. Eu precisava de um nome, de um retrato, de uma data de nascimento, não me contentava só com seus passos e seus sons noturnos. Uma personagem tem história, vontades, pretensões, rubores, conflitos, família, desejo sexual. Faltavam peças importantes na construção da minha protagonista.

Sexta-feira, cansado pra burro, já cheguei ansioso, disposto a juntar mais peças, preparado para desvendar outros sons, outras toadas daquele drama pessoal. Fiz o que tinha de fazer e fui me deitar. Esperava, como vinha fazendo há uns meses, o ruído da chave na fechadura. De tão cansado, dormi antes, profundamente, o livro caído de lado, a luz do abajur acesa. Quando acordei, já eram cinco da manhã. A claridade atravessava as frestas da janela. Chateado por ter perdido a movimentação noturna da minha vizinha, fui providenciar café, olhar a agenda e planejar meu sábado. Nenhum barulho vindo do apartamento de cima. Juro que, se pudesse, tentaria escutar a respiração dela. Nada! Aguardei ao máximo e tive de sair. Alguma coisa me deixou apreensivo. Um sentimento inexplicável de que alguma coisa daria errado. Sensação de tragédia iminente, de violência urbana, feminicídio e coisas assim.

Voltei mais cedo e me preparei para mais uma vigília. O troço virava obsessão. Nesta noite, estava resolvido a fazer uma planilha com seus horários, com seus sons característicos etc. Pensei que se pedisse uma pizza poderia chamá-la para tomarmos uma taça de vinho. Mandaria entregar a pizza no seu apartamento com um convite. Não tive coragem. Fiquei acordado até tarde, mas ela não voltou. Dormi preocupado, sono agitado, o colchão parecia mais duro do que o normal, não encontrava a posição correta do travesseiro... Um tormento.

Domingo de manhã, tomei um café solúvel, vesti uma bermuda, coloquei o tênis, sem meia, e descii. Fui até a portaria. Levei um pedaço da pizza de sábado para o porteiro e deixei a conversa correr solta, frouxa, dando linha. O futebol...



A política... As festas de fim de ano... E a vizinha? “Qual vizinha?” “A do apartamento de cima!” “Ah, mudou-se, na sexta-feira. O caminhão da mudança saiu por volta de quatro da tarde. Eram poucos móveis, pouca coisa.” “Deixou endereço?”, perguntei ansioso.

Por vergonha, não chorei, mas desabei. Fui tomado por uma angústia terrível. Soube que ela quase não recebia correspondências e que uma amiga viria buscar, caso tivesse. Nenhuma pista. Casou-se? Mudou de cidade? Mudou de estado? Mudou de país?

Na primeira noite, me deitei cedo, sono pesado. De manhã, a sua ausência exigiu um café forte. Aguentar a segunda noite é que foi difícil, nem com uísque puro. Cadê o “toc toc” do salto alto? Cadê o xixi delicado? Cadê o perfume que não cheguei a sentir, o rosto que não pude admirar? Foi insuportável! Resolvi me mudar, eu não ia aguentar ficar ali. A solidão cobra um preço alto dos sentimentais, dos tímidos e dos emotivos. Se relacionamentos não são fáceis, o nosso era pior: embarçado, obscuro, enigmático, nada sabíamos um do outro. Pouco importava quem fosse o novo morador, não podia tolerar a ausência dela. Impossível morar num apartamento taciturno, triste, silencioso. Jamais ficaria esperando ela nunca mais voltar. Sem ela eu não era ninguém.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2021.

---